

## O mundo bem feito

João César das Neves

O mundo está muito mal feito. Há imensa miséria, tristeza e sofrimento, e muitas destas desgraças parecem completamente injustificadas e gratuitas. O mundo está mesmo muito mal feito. Se eu fosse deus, haveria de fazer um mundo muito melhor e mais agradável.

Se eu fosse deus, eliminaria toda a pobreza, a fome e a dor da humanidade. Para isso, acabaria com a maldade dos homens que é, sem dúvida, a principal fonte de miséria. Assim, a primeira coisa que faria, se fosse deus, era expelir o mal, a injustiça e o erro do mundo. Destruiria a prepotência, a inimizade, o orgulho, a inveja e o ódio entre todos os homens.

Só que, se fizesse isto, destruiria também a liberdade das pessoas. Se não fosse permitido a cada ser humano ser bom ou mau, ele deixaria de poder escolher o seu destino. Perdendo-se a maldade, perder-se-ia também toda a bondade. Os seres humanos deixariam de ser pessoas. Passariam a ser grotescas marionetas, representando continuamente as peças totalitárias que eu lhes escrevesse. Se eu, como deus, não corresse o risco da maldade humana, perderia a possibilidade de permitir alguma bondade humana.

Mas se não eliminasse a maldade poderia, ainda, evitar as suas consequências. Se eu fosse deus faria com que o ódio não gerasse a morte, a luta não fizesse ferimentos, a injustiça não criasse vítimas. Só que isso tornaria as pessoas como agentes irresponsáveis. A realidade perderia o seu sentido e todos passariam a ser incapazes de compreender o mal do mal e o bem do bem. Os homens deixariam de ser marionetas, mas tornar-se-iam máquinas desorientadas.

Se eu fosse deus, poderia eliminar o mal da saúde, as doenças e as deficiências das pessoas. Deixaria de haver cegos, mudos e o cancro. Só que, se não existissem cegos nem mudos, os míopes e os gogos considerar-se-iam tão infelizes e amaldiçoados como agora sentem os deficientes. Se acabasse o cancro, as dores de cabeça seriam consideradas uma doença terrível. No fundo, o sofrimento da doença e deficiência é também um problema relativo. O nosso tempo mostra isso muito bem. A sociedade moderna eliminou a lepra, mas os drogados ou os doentes com sida, apesar de não terem a carne a apodrecer, sentem-

se hoje tão leprosos como os antigos gafos. Acabámos com a peste, mas somos igualmente infelizes com o “stress”. Para eu, como deus, eliminar do mundo a inferioridade da doença e deficiência teria de fazer com que todos os homens fossem perfeitamente iguais. Sendo cópias repetidas do mesmo modelo perfeito, os homens não teriam quaisquer diferenças que justificassem tristezas. Mas o mundo perderia a sua variedade e diversidade.

Se eu fosse deus, ao menos, poderia eliminar o mal da natureza. Exterminaria moscas e cobras. Só que se o fizesse, acabaria com os pássaros, que comem as moscas, e criaria uma praga de sapos, que são comidos pelas cobras. Podia acabar com terremotos e furacões, mas nem sei quais seriam as consequências disso. Porque no mundo somos, diz S. Agostinho, como uma criança que entra numa oficina de carpinteiro e, quando se fere em alguma ferramenta, acha que é má porque não percebe para que ela serve.

Mas, se eu fosse deus, em vez de eliminar, poderia, ao contrário, dar coisas às pessoas. Poderia, por exemplo, conceder a todos o talento de Beethoven, de Miguel Ângelo ou de Aristóteles. Só que, nesse caso, a arte perderia todo o valor. Se todos tivessem génio, o génio seria inútil. A música de Beethoven não se compara com a dos canários e rouxinóis, que no entanto são desprezados porque há muitos. Além disso, se todos tivessem a compreensão inata da ciência e tecnologia avançadas, perder-se-ia completamente o desafio da descoberta, o prazer da aventura, o fascínio com o desconhecido. Se todos tivessem tudo, o mundo seria uma maçada.

Se eu fosse deus, poderia ao menos acabar com o que eu acho mal. Excluiria os concursos televisivos, os rabanetes, a cerveja e a irritante areia da praia. Só que, se eu fizesse isto, seria uma enorme injustiça. Eu poderia gostar, mas conheço imensa gente que não gostaria nada de viver num mundo em que eu fosse deus. E a maioria das pessoas que conheço criaria um mundo em que eu não quereria viver.

Mas, se eu fosse deus, poderia encontrar uma outra solução imaginativa. Poderia decidir que o mundo seria criado, não por mim, mas por um consenso democrático de toda a humanidade. Cada um votaria para se poder conceber o mundo perfeito. Só que, nesse caso, o mundo ficaria impossível, visto que a discussão e as divergências seriam sem fim.

Tudo isto quer dizer que, se eu fosse deus, o mundo que eu criaria seria um mundo sem liberdade para não ter mal, sem consequências para evitar as vítimas, sem variedade para não ter deficiências, desequilibrado por lhe faltar o que parece nocivo e com enorme

um aborrecimento por haver tudo sem esforço. Ou então seria um mundo impossível, para poder agradar a todos. No fundo, se eu fosse deus, o mundo acabaria por ser exactamente como o inferno.

Aliás, isto ajuda a compreender o nosso mundo. Nós não somos deuses, mas somos seres humanos, e isso dá-nos alguma possibilidade de modificar a realidade à nossa maneira. É por isso que o mundo se parece, em tantos aspectos, com um inferno. Mas, felizmente, como não somos deuses, não conseguimos estragar tudo. É por isso que, ao mesmo tempo, o mundo ainda se parece com o paraíso.

Mas se fosse deus, haveria ainda uma coisa que eu poderia fazer. Poderia pedir a alguém que melhor que eu para ser ele a criar o mundo. Ora a pessoa melhor que eu conheço é Deus. Portanto, se eu fosse deus, pediria a Deus para fazer o mundo. E é isso mesmo que Ele faz. É por isso que o mundo, afinal, até está tão bem feito.

Se eu fosse deus, e pedisse a Deus para fazer o mundo, a única coisa que lhe pediria mais era que olhasse um bocadinho para mim, no meio deste mundo que Ele criou. E é isso mesmo que ele faz. É por isso que eu me sinto quase como Deus, cada vez que falo com Deus.

Diário de Notícias, 6 de Abril de 1998